

EDUCAÇÃO. LIVRO EXPLICA AS DIFERENÇAS ENTRE RAPAZES E RAPARIGAS

PORQUE É QUE E

OS ALUNOS PRECISAM DE SE MEXER, DE PROFESSORES QUE FALEM COM ELES ALTO E QUE A SALA TENHA POU

REGRAS PARA TER A ATENÇÃO DOS RAPAZES...

OITO INTERVALOS
EM CADA
DIA DE AULAS



PROFESSORES COM TOM
DE VOZ ALTO E FRASES
CURTAS E IMPERATIVAS



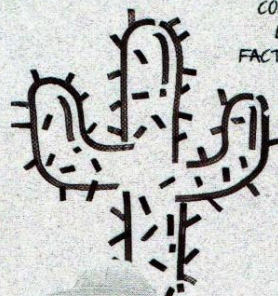
TEMPERATURA DA SALA
LIGEIRAMENTE FRIA, PARA QUE
O DESCONFORTO NÃO OS DEIXE
"DESLIGAR" O CÉREBRO



TAREFAS RÁPIDAS
DE COMPLETAR PARA
QUE SE POSSAM MEXER



EXPLORAR A SUA
COMPETITIVIDADE
É UM GRANDE
FACTOR DE MOTIVAÇÃO



Uma sala de aula qualquer do primeiro ciclo. Metade dos alunos são rapazes, a outra metade raparigas. Cenário provável: enquanto a maioria delas está sentada, direita, quieta, atenta ao que a professora explica num tom de voz sereno, há rapazes a bater com os lápis no tampo da mesa, outros que agitam as pernas, muitos que conversam, alguns que atiram bolas de papel, e até quem se levante a pedir para ir à casa de banho. Os rapazes estão, claramente, a desestabilizar. Têm culpa disso? Não.

“Os rapazes necessitam de maior estímulo e tensão para se manterem atentos, pois têm mais tendência para o aborrecimento e para a distração do que as raparigas”, afirma Maria Calvo Charro no livro *Educar Rapazes e Educar Raparigas*, recentemente lançado em Portugal pela Diel. A especialista espanhola em educação diferenciada explica que essa tendência tem uma justificação hormonal: a testosterona que lhes facilita o desenvolvimento muscular também os faz mexerem-se mais e mais vezes.

Além disso, continua a autora, o movimento ajuda os rapazes a estimularem o cérebro. “Há estudos psicopedagógicos que demonstram que os rapazes precisam de até oito intervalos ao longo do dia para conseguirem estar sossegados e concentrados nas aulas, enquanto para as raparigas basta um intervalo”.

Abanar as pernas ou brincar com os lápis entre os dedos são uma exigência do cérebro masculino para ficar desperto. Por isso, esses pequenos movimentos não devem ser reprimidos, diz a autora. Mas são.

POR DESCONHECEREM esta especificidade, ou não saberem lidar com ela, os professores não a levam em conta. Na sala de aula, rapazes e raparigas são tratados de igual forma – mas pelos padrões femininos, afirma Maria Calvo Charro. Eles devem comportar-se como elas: aguentar o mesmo tempo sentados, quietos e calados. Se não aguentam é porque são indisciplinados, dizem os professores. Não: é porque são rapazes, diz a perita.

O facto de estas diferenças não serem respeitadas está a prejudicá-los na sua aprendizagem. Há anos que é assim e isso ajuda a explicar a assimetria nos resultados escolares entre os dois sexos – elas têm melhores notas do que eles. Isso e muitas outras pequenas coisas, que, todas juntas, não facilitam a estimulação masculina.

Até na própria sala de aula há diferenças, que pendem para o lado feminino: as raparigas gostam das paredes

Os rapazes beneficiam do ensino de professores homens, enérgicos e autoritários

ELAS SÃO PIORES

NA DECORAÇÃO. AS ALUNAS PRECISAM DO OPOSTO. NO FIM, ELAS GANHAM NAS NOTAS. POR ISABEL LACERDA

...E A DAS RAPARIGAS

decoradas com coisas coloridas e “suas” – trabalhos, desenhos, fotografias que fazem parte da vida da turma; para os rapazes deve haver pouca decoração e nada que lhes desvie a atenção. Como costumam ser as salas de aula no ensino primário (que é determinante para todo o percurso escolar)? Decoradas e coloridas.

As raparigas beneficiam de um discurso calmo e pausado – um tom de voz elevado incomoda-as e desconcentra-as. Os rapazes precisam de frases curtas e imperativas, que os mantenham atentos: “Abram os livros.” “Prestem atenção!” Maria Calvo Charro explica: “Longe de os intimidar, este género de tratamento mantém neles um ambiente de tensão positiva.” Que modo de ensinar predomina? O primeiro.

Muitos destes comportamentos decorrem de o corpo docente ser esmagadoramente feminino. “A escola é um universo de mulheres e isso, mesmo socialmente, não ajuda os rapazes a identificarem-se e a motivarem-se para a aprendizagem”, diz Lucília Salgado, presidente do conselho pedagógico da Escola Superior de Educação de Coimbra. Só começa a haver mais professores homens a partir do segundo ciclo, quando as crianças têm 10 anos, explica a professora portuguesa à SÁBADO: “Mas aí já grande parte da sua personalidade está formada.”

As raparigas aprendem melhor com professoras mulheres, que falem num tom de voz suave

UM INTERVALO POR DIA
É SUFICIENTE PARA
DESCANSAR DAS AULAS

PROFESSORAS COM
UMA VOZ CALMA E SIMPÁTICA
QUE LHE DÊ CONFIANÇA

TEMPERATURA DA SALA
AMENA, PORQUE O FRIO
AS DESCONCENTRA

PROPORCIONAR PEQUENAS
PAUSAS NAS AULAS PARA
QUE POSSAM CONVERSAR

MOTIVAR A COOPERAÇÃO
E A SOLIDARIEDADE COM
TRABALHOS DE GRUPO

Lucília Salgado trabalha com vários grupos de pais, homens, que, em Londres, tentam sensibilizar a sociedade para a necessidade de se envolverem mais na vida escolar dos filhos – ajudá-los nos trabalhos de casa, levá-los à escola – de maneira a compensar a falta de masculinidade no universo escolar. E há vários países em que projectos-piloto com turmas separadas por sexos, com professores e métodos de ensino adaptados às respectivas necessidades, estão a ter grande sucesso, reduzindo muito as diferenças no aproveitamento escolar entre rapazes e raparigas.

Basta pensar em como o dia de aulas deveria começar, idealmente, para uns e outras para perceber quão difícil é conseguir ensiná-los com igual eficácia exactamente da mesma maneira: para elas, que gostam de se exprimir, uns minutos a falar dos seus sentimentos ajudá-las-ia a ganhar confiança e a manter-se caladas durante mais tempo; para eles,

que precisam é de libertar tensão e oxigenar o cérebro, o bom seria saltar e mexer os braços a grande velocidade durante uns minutos. Qual delas é privilegiada no actual sistema de ensino? Pois, a primeira. •

